



## Um guia para a saúde do corpo e da alma: o ideal de catolicidade proposto pelo Padre Pietro Colbachini para imigrantes italianos

*A Guide for the health of the body and the soul: The ideal of Catholicity proposed by the Italian priest Pietro Colbachini to Italian immigrants*

Fábio Augusto Scarpim\*

**Resumo:** Este artigo analisa alguns aspectos de uma obra escrita por um padre italiano para servir de guia espiritual para os imigrantes que partiram da Itália e se instalaram no Brasil no final do século XIX. Com o objetivo de difundir as práticas ultramontanas e renovar o Catolicismo brasileiro por meio dos imigrantes, esse manual não se limitou a questões religiosas ou espirituais. Ao contrário, destaca vários aspectos da vida cotidiana que poderiam interferir no comportamento ideal defendido pela Igreja. Assim, questões como valores morais, educação, casamento, combate aos desvios sexuais, blasfêmia e embriaguez são aspectos destacados no guia. A crítica a determinados comportamentos e a necessidade de normatizá-los demonstram que a obediência dos imigrantes no novo espaço geográfico não acontecia conforme o esperado.

**Palavras-chave:** imigrantes italianos, comportamentos, Catolicismo ultramontano, valores morais, normatização.

**Abstract:** This article highlights some aspects of a manual written by an Italian priest in order to provide spiritual guidelines for Italians who immigrated to Brazil at the end of the 19<sup>th</sup> century. According to the intention to spread ultramontane practices and to renew the Brazilian Catholicism through the immigrants, the manual is not limited to religious and spirituals issues. Rather, it emphasizes various aspects of day-to-day life that could interfere with the ideal behavior propagated by the Church. Thus, the manual stresses issues such as morals values, education, marriage, combating sexual deviance, blasphemy and the drunkenness. The critics of some type of behavior and the necessity to regulate them indicates that the immigrants in their new surroundings did not follow the rules as expected.

**Key words:** Italian immigrants, behaviors, ultramontane Catholicism, moral values, regulation.

---

\* Mestre em História pela UFPR. Atualmente, é doutorando em História pela mesma instituição. Professor do Centro Universitário Campos de Andrade (Uniandrade) e da SEED-PR. E-mail: fabio\_scarpim@hotmail.com

## Catolicismo ultramontano e imigração

Este artigo tem por objetivo analisar alguns aspectos da obra *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, do Padre Pietro Colbachini, no contexto de romanização do Catolicismo. Publicado em 1896, o manual foi escrito pelo sacerdote a pedido do fundador da Ordem Escalabriana: Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini. Foi resultado de um concurso lançado pelo referido bispo, do qual participaram 24 religiosos de diferentes regiões da Itália. Nas palavras do sacerdote, o livro deveria servir de guia missionário para os colonos, especialmente nos momentos de ausência de sacerdotes.<sup>7</sup> Foi escrito para assistência espiritual das colônias italianas da América e pode ser entendido como parte das estratégias da Igreja para renovar as práticas do Catolicismo brasileiro por meio da imigração.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, houve o deslocamento de grandes contingentes populacionais da Europa para o Brasil. Junto com esses milhares de estrangeiros, muitos religiosos acompanharam seus fiéis. Aliás, a própria Igreja Católica via com bons olhos a imigração, uma vez que enxergava nos imigrantes uma excelente estratégia para a renovação do Catolicismo e do clero brasileiro, ou seja, a efetivação do projeto de romanização. O ultramontanismo tinha como proposta um projeto de reeuropeização do Catolicismo, marcado pela centralização institucional na figura do Papa. De acordo com os ultramontanos, a salvação da humanidade dependeria da recristianização do mundo e essa tarefa deveria ser assumida pela Igreja, portadora da verdade, conforme definição do Concílio de Trento. É importante lembrar que esse movimento pretendia fortalecer a hierarquia da Igreja e a autoridade do papa que se via ameaçada, sobretudo com o avanço das ideias liberais e anticlericais vigentes na Europa do século XIX. A Igreja Católica buscava reconquistar seu poder social que vinha sendo ameaçado pela progressiva laicização e racionalização da sociedade. Assim, buscou combater os múltiplos ataques que vinha sofrendo por parte de diferentes grupos (liberais, socialistas, anarquistas, protestantes, espíritas, maçons) aprofundando uma visão conservadora da vida e da sociedade. Compreendendo a si própria como portadora de uma missão divina, a Igreja Católica se colocou como a única e verdadeira guardiã da fé, cuja missão havia sido delegada pelo próprio Cristo.

A contribuição dos imigrantes nesse processo seria no sentido de renovar a face do Catolicismo brasileiro que se encontrava em crise, pois já vinham com muitas das regras e práticas ultramontanas internalizadas. Conforme destaca Riolando Azzi, o Catolicismo de imigração seria implantado no Brasil em duas fases sucessivas. Em uma primeira etapa, seria promovida pelos próprios colonos e, em uma segunda fase, orientada pelos múltiplos clérigos vindos da Europa para o atendimento religioso dos

---

<sup>7</sup> P. COLBACHINI. *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p.1.

imigrantes.<sup>2</sup> As ordenações da Cúria Romana tinham por objetivo, de um lado, renovar a espiritualidade do Catolicismo brasileiro, no qual os imigrantes seriam peças chave nesse processo, e do outro, combater o anticlericalismo que se espalhava em solo europeu. De acordo com Renzo Grosselli, o clero romanizador buscava combater a modernização através da recriação da sociedade camponesa católica em outro contexto geográfico, onde estaria a salvo das forças que dissolviam a estrutura da sociedade tradicional.<sup>3</sup>

Os imigrantes traziam consigo uma prática católica atrelada ao modelo ultramontano, no qual era imprescindível a presença de um sacerdote que ministrasse os sacramentos e proporcionasse o conforto espiritual necessário, mas aqui se depararam com um Catolicismo bastante diverso. De caráter laico, sincrético e festeiro, o Catolicismo brasileiro diferia em muito daquele praticado pelos europeus. Os padres brasileiros em geral eram mal instruídos, muitas vezes não mantinham o celibato sacerdotal, não raro possuíam família, a frequência dos fiéis à missa e às práticas sacramentais eram baixas, muito em função das taxas cobradas. Muitos sacerdotes viviam envolvidos em escândalos (políticos principalmente, mas também sexuais) e ocupavam cargos públicos. Além disso, muitos eram maçons ou tinham contatos estreitos com a Maçonaria. Também a participação dos fiéis na Igreja era mais feminina, pois os homens pouco a frequentavam.<sup>4</sup> Por se sentirem diferentes e pelo modelo de organização religiosa a que estavam habituados, os colonos passaram a reivindicar padres que lhes atendessem, preferencialmente no seu idioma.<sup>5</sup>

Por conta da demanda de sacerdotes nas áreas de colonização, especialmente no Sul do Brasil, várias ordens religiosas viram a possibilidade de expandir sua atuação e implementar suas ações missionárias. No caso de muitos núcleos coloniais italianos, o serviço espiritual passou a ser realizado pela Ordem dos Missionários de São Carlos, que foi criada em 1887 pelo Bispo Giovanni Battista Scallabrini, bispo de Piacenza, para o atendimento dos imigrantes italianos radicados na América. A atuação dos padres escalabrinianos ou carlistas, como eram conhecidos, se deu sobretudo em quatro Estados: São Paulo, Espírito Santo, Paraná e Rio Grande do Sul. É no contexto de expansão das ideias ultramontanas que foi escrita a obra analisada neste texto. A despeito de sacerdotes terem acompanhado seus fiéis para a América, a carência de clérigos ainda

---

<sup>2</sup> R. AZZI. O Catolicismo de imigração, pp.70-73.

<sup>3</sup> R. GROSSELLI. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos, vênnetos e lombardos nas florestas brasileiras*, pp.13-14.

<sup>4</sup> Sobre essas questões, mais especificamente as diferenças entre o Catolicismo de imigração e o Catolicismo brasileiro, ver, entre outros: R. AZZI, O Catolicismo de imigração. O. BEOZZO, As Igrejas e a Imigração, e L. F. BENEDUZI. *Imigração italiana e Catolicismo*.

<sup>5</sup> R. AZZI. *A Igreja e os migrantes: a imigração italiana e os primórdios da obra escalabriniana no Brasil (1884-1904)*, pp.205-211.

era muito grande. Nesse sentido, o *Guida Spirituale dell'immigrante italiano* não era apenas um manual religioso, catequético ou de orações para ser usado nos momentos de ausência de padres. Muito pelo contrário: o guia tinha a pretensão de se tornar um manual da vida prática do *bom católico*. Nas palavras de Colbachini, *um guia para a saúde da alma e do corpo*.<sup>6</sup> Apresenta um discurso eivado das proposições ultramontanas que associavam valores morais, familiares e éticos aos princípios religiosos. Portanto, para analisar o autor e seus objetivos com sua obra, partimos da concepção de que o discurso religioso é uma forma de linguagem que envolve, além dos fatores de ordem religiosa, outros de ordem cultural e social presentes na vida cotidiana dos indivíduos.<sup>7</sup>

### A trajetória de Pietro Colbachini

Pietro Colbachini nasceu em Bassano Del Grapa (Vicenza) em 1845. Foi ordenado sacerdote em 1869. Emigrou para o Brasil em 1884 e se estabeleceu em São Paulo, em uma colônia de mantovanos. Trabalhou dois anos nas fazendas do Estado de São Paulo e depois se estabeleceu no Paraná, na Colônia Água Verde, em Curitiba, onde posteriormente fundou a paróquia de Santa Felicidade e contribuiu para a fundação de mais 16 igrejas em diversas colônias nos arredores de Curitiba. Entrou na Congregação Scalabriana em 1888. Em 1894, retornou a Bassano Del Grapa para recuperar a saúde. Entre os anos de 1895-1896, escreveu o livro *Guida spirituale dell'emigrante italiano* e enviou um longo relatório das colônias italianas estabelecidas no Brasil ao Ministério das Relações Exteriores da Itália. Em setembro de 1896, retornou ao Brasil, desta vez para o Rio Grande do Sul, onde fundou a paróquia de Nova Bassano (1897). Em 30 de janeiro de 1901 faleceu no mesmo lugar. Foi com base na sua vivência, principalmente nas colônias paranaenses, que Colbachini escreveu essa obra.

Foi uma figura emblemática na defesa do Catolicismo ultramontano e contra o liberalismo. No Paraná, pelos fortes e constantes atritos com os liberais italianos residentes em Curitiba, foi obrigado a fugir, inclusive sendo jurado de morte. De caráter intransigente e espírito autoritário, o sacerdote não se limitava a tratar energicamente apenas aqueles que dependiam de suas atribuições religiosas, mas também atacava abertamente todos aqueles que não partilhavam de suas ideias. A intransigência do referido sacerdote, muitas vezes, não coadunava com a própria mentalidade do criador da ordem escalabriana, que defendia a conciliação entre a política nacionalista italiana e a fé católica. Ao contrário, Pietro Colbachini continuava a proclamar a necessidade de que todos os italianos deveriam se submeter às diretrizes da Igreja.<sup>8</sup> Esse caráter

---

<sup>6</sup> P. COLBACHINI. *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p.6

<sup>7</sup> E. MARCHI. De Santas a suspeitas e pecadoras, p.2.

<sup>8</sup> R. AZZI, Riolando, *A Igreja e os migrantes: a imigração italiana e os primórdios da obra escalabriana no Brasil (1884-1904)*, p.236.

autoritário do sacerdote é reflexo das próprias disputas ideológicas travadas na Itália no período pós-unificação política. De um lado, estava a Igreja que defendia arduamente a imposição de um Catolicismo intransigente e, de outro, o Estado italiano, de caráter liberal, tentando impor à população o nacionalismo.

Esse rigor e intransigência do sacerdote estão refletidos nos seus escritos, em vários momentos, que vão desde os aspectos religiosos e doutrinários da prática católica, passando pelas relações familiares, sociais, de trabalho, econômicas, de lazer, de cuidados com o corpo e com a educação. Com o objetivo de conservar a fé, a língua e os costumes dos que emigraram da Itália, a obra é dedicada ao Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini, consta de 416 páginas e é subdividida em 18 breves capítulos:

1. Das orações;
2. Da santificação da festa;
3. Orações para escutar devotamente na Santa Missa;
4. Da frequência aos sacramentos, da confissão e da comunhão;
5. Da fuga das ocasiões de pecado;
6. Outros avisos gerais sobre o casamento;
7. Dos divertimentos: bailes, sons e cantos;
8. Do bom uso dos negócios;
9. De evitar a blasfêmia;
10. Da pureza dos costumes;
11. Dos relacionamentos civis e sociais;
12. Da justiça e lealdade no comércio;
13. Da economia e da avareza;
14. Da higiene;
15. Norma para conservar a fé;
16. Deveres para com os sacerdotes;
17. Do jejum e abstinência;
18. Três boas obras: Divisões mais recomendadas - Via Crucis - Da devoção a São José, Louvores espirituais, Planos da Doutrina Cristã etc.

### **Um guia para a saúde do corpo e da alma**

A análise da obra revela que o padre, sendo porta-voz de uma instituição que pretendia moldar comportamentos em seus fiéis, almejava incutir em seu rebanho modelos ideais de conduta e de comportamento. Entretanto, a observância de alguns relatos citados pelo próprio sacerdote revela que, embora parcela significativa dos indivíduos pareça ser cooptada pela Igreja em seu sistema de vigilância e punição<sup>9</sup>,

---

<sup>9</sup> M. FOUCAULT. *Vigiar e Punir*.

podem ser observados alguns casos singulares em que indivíduos não se comportavam de acordo com o esperado.

Em primeiro lugar, destacamos que a obra analisada foi produzida a partir da experiência e das ideias de um enunciador (padre) que é porta voz de uma instituição (Igreja Católica).<sup>10</sup> Partindo da tese de Foucault, em toda sociedade a produção dos discursos é regulada, selecionada, organizada e redistribuída conjugando poderes e perigos.<sup>11</sup> No caso da obra em questão, a Igreja Católica é a instituição que condensa a produção e distribuição dos discursos. O sacerdote é um sujeito instituído que exerce o poder da palavra por meio de um ritual, ou seja, na concepção do autor<sup>12</sup> ele ritualiza o discurso. Esse ritual é mágico, pois dá eficácia ao discurso de autoridade, as palavras do religioso traduzem toda a autoridade da instituição e seu poder simbólico sobre os bens religiosos do qual o público alvo compartilha. Destaca-se que a maior parte do conteúdo do livro de Colbachini têm caráter pedagógico: busca educar, inculcar valores e definir comportamentos. Conforme Foucault, todo sistema de ensino é nada menos que uma ritualização da palavra, a fixação dos papéis para os sujeitos que falam e uma distribuição e apropriação dos discursos.<sup>13</sup>

Já para Bourdieu, a noção de discurso implica uma forma de impor uma determinada visão de mundo por meio de uma linguagem autorizada. Assim, um determinado discurso (nesse caso, aquele proveniente da Igreja) não precisa necessariamente ser compreendido para que possa exercer seu poder próprio, basta que ele seja reconhecido enquanto tal.<sup>14</sup> O discurso católico vinha carregado de um poder simbólico. Assim, segundo o autor, o poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. É um poder de consagrar ou revelar algo que já existe. É um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.<sup>15</sup> Portanto, os produtores e receptores da cultura nem sempre agem de maneira consciente. A eficácia das palavras está muito mais ligada a crença. Assim, o poder simbólico exerce um domínio por meio de atos de dominação.

Os atos de dominação simbólica, do qual o discurso eclesial é carregado, sempre supõe atos de conhecimento e reconhecimento entre o enunciador e o enunciatário.

---

<sup>10</sup> Segundo a classificação dos discursos proposta por Afrânio Garcia, podemos definir o discurso do padre como um discurso dominante, aquele que “verbaliza a fala, os princípios, os anseios e os ditames da oligarquia que detém o poder num determinado contexto” e também um discurso autorizado, “aquele proferido por alguém dotado de *autoridade* para ser o porta-voz de um determinado segmento social ou instituição”. A. GARCIA, *Tipos de discurso*, pp.186-187.

<sup>11</sup> M. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

<sup>12</sup> Ibid.

<sup>13</sup> Ibid., p. 45.

<sup>14</sup> P. BOURDIEU. *A economia das trocas linguísticas*, pp.87-91.

<sup>15</sup> P. BOURDIEU. *A produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*, p.13.

Dessa maneira, para que a dominação possa ser exercida, é preciso que o dominado aplique aos atos do dominante, estruturas de percepção que sejam as mesmas que o dominante use para produzir tais atos.<sup>16</sup> No caso do discurso do padre Pietro Colbachini, podemos perceber a presença de um capital simbólico que pretende agir como uma força mágica. Ao usar o poder da palavra para punir e recompensar os fiéis com o caminho do céu ou do inferno, o sacerdote pretendia criar modelos de comportamento que pudessem ser internalizados pelos colonos apesar da mudança de espaço físico. Nessa direção, o manual pode ser compreendido como um elemento que simbolizaria a presença do sacerdote nos momentos que este não estava presente.

Um aspecto bastante destacado pelo padre em relação à assistência religiosa dos imigrantes italianos é justamente a escassez de sacerdotes, fato que não ocorria na Itália. Portanto, os desvios de comportamento por parte de muitos imigrantes era muitas vezes atribuídos à ausência de um guia para conduzi-los no processo de instalação em um ambiente novo. É importante destacar que muitos dos imigrantes italianos vinham da Itália já renovados pelo espírito ultramontano. Eram campesinos partícipes de uma interação constante com a hierarquia da Igreja, formados em torno de capelas comunais onde o sacerdote ditava as normas de conduta.<sup>17</sup> Sendo assim, era de fundamental importância a presença de um guia espiritual, de preferência do clero italiano, que proporcionasse a continuidade dessa forma de vivência do Catolicismo que a Igreja queria expandir.

O discurso do padre, sendo enunciatário de uma Igreja que buscava a implementação de um tipo específico de religiosidade, enfatiza vários aspectos que vão desde os preceitos espirituais até conselhos sobre saúde, higiene, alimentação, questões econômicas e vida social. Entretanto, destacaremos três pontos específicos que são reiterados pelo sacerdote para o estabelecimento do comportamento *ideal* de um imigrante italiano católico: a vivência religiosa (dos sacramentos), as relações familiares (do matrimônio, principalmente) e as proibições.

O primeiro elemento – a vivência religiosa – destaca as tentativas de se implementar um modelo específico de religiosidade que já vinha se estabelecendo na Itália antes da partida. O discurso da Igreja buscava padronizar as ações dos fiéis diante das determinações da instituição. Essa necessidade tinha por objetivo evitar que os imigrantes relaxassem na vivência de sua fé ao se aproximar da religiosidade do Catolicismo brasileiro, considerada incorreta. Nesse sentido, a frequência à missa, aos sacramentos, a reza do terço, as orações e a comunhão são elementos muito enfatizados que faziam parte da cultura italiana e que não deveriam ser abandonados. Segundo

---

<sup>16</sup> P. BOURDIEU. *Razões práticas: Sobre a Teoria da ação*, p.168.

<sup>17</sup> L. F. BENEDUZI. *Imigração italiana e Catolicismo*, pp.52-53.

Colbachini, o bom cristão deve sempre ter-se unido a Deus, deve consagrar certo tempo à oração todo dia, mais ainda nos domingos e dias de festa.<sup>18</sup>

As práticas freqüentes da confissão e da comunhão é vista como remédio para a alma que se encontra adoecida - ambas deveriam ser feitas cotidianamente. Para os jovens, aponta como freio para as nascentes paixões e para os adultos como um remédio para todos os males não só da alma, mas também do corpo. Ao confessar sinceramente os pecados ao sacerdote, que é o representante de Deus na Terra, as pessoas seriam liberadas do estado de culpa e retornariam ao estado de graça, como merecedoras do Paraíso. Nas palavras de Colbachini:

o sacerdote é como um juiz num tribunal de penitência, ele é o porta voz de Jesus Cristo. Na confissão devemos confessar todos os pecados que lembramos, começando pelos maiores que nos causam maior vergonha.<sup>19</sup>

A ênfase na confissão é uma marca do ultramontanismo, prática que era pouco verificada no Catolicismo brasileiro. A Igreja empenhou-se em levar o pecador a confessar seus pecados para que pudesse receber o perdão divino e obter a reconciliação com Deus. A ênfase na crença do poder da confissão e na eficácia de seu ritual tornava a confissão uma prática obrigatória para o fiel. Ao creditar o poder de perdoar ao sacerdote, que agia em nome de Deus, normatizava-se um poderoso instrumento de poder nas mãos do clero, uma vez que quem desobedecia poderia estar se condenando ao inferno.<sup>20</sup> O clero não detinha apenas o poder da palavra, mas também o poder da escuta.

Em relação à missa, o padre destaca que o fiel deveria escutá-la devotamente e de maneira integral todos os domingos e dias de festa. Não deveria se perder em outros pensamentos e nem desviar o olhar. Caso contrário, estaria incorrendo em pecado, não sendo válida a sua participação. A celebração da missa, juntamente com a participação eucarística, seria um momento de aproximação com Deus, no qual o fiel deveria se apresentar com a consciência pura e livre de pecados. Dessa forma, confissão e comunhão são elementos que não podem ser indissociáveis e se constituíram em elementos obrigatórios da vivência da religiosidade na prática ultramontana.

A Igreja Ultramontana se valeu da prática intensiva dos sacramentos para definir aquele que era ou não um bom católico. Na perspectiva de Foucault, a partilha da doutrina, de um mesmo conjunto de discursos por numerosos indivíduos, tende a definir uma pertença recíproca. Assim, a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela serve de certos

---

<sup>18</sup> P. COLBACHINI. *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p.17

<sup>19</sup> Ibid., p.38.

<sup>20</sup> E. MARCHI. *De Santas a suspeitas e pecadoras*, p.10.



tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los.<sup>21</sup> Enfim, estabelece redes de enunciatários que se ligam, mesmo sem se conhecer, por vínculos de obediência, de interdições e de partilhas doutrinárias de um mesmo enunciador.

O referido padre não se limitou a orientar os colonos com instruções religiosas, mas principalmente em relação aos aspectos sociais e cotidianos. Assim, destacava que o espaço da Igreja deveria ser utilizado apenas para finalidades espirituais, e não sociais. Combatia com veemência o uso dos espaços nos arredores da paróquia ou capela como locais de sociabilidade dos colonos.

Não se pode converter o Dia do Senhor em ocasiões de vícios, de intemperanças, de amores, de espaços pecaminosos e perigosos. É nas festas que as tavernas vêm a frequentar, que se tem os bailes, que se tem enganos a inocência, que se formam contratos, que se desperdiça o dinheiro, que se produz danos à consciência ou prejuízo da economia doméstica. E na festa que mais se blasfema, que mais incorretamente se fala e que se dá espaço à ira e que se cometem delitos de toda a sorte, tanto que alguns dos dias santos do senhor se convertem em manifesta profanação e se convertem em dias consagrados ao demônio. É por conta do risco desses excessos que os dias de festas devem ser consagrados a Deus. Pela manhã deve-se ir a Igreja para escutar a S. Missa e ouvir as explicações do padre. Não se pode vangloriar-se do costume que existe em todas as colônias de entreter-se os homens e as mulheres na praça ou nas adjacências da Igreja e de eles entrarem só quando o padre chega. Isso mostra pouco fervor e a preguiça de muitos.<sup>22</sup>

Colbachini salienta que muitos iam à missa pensando nos atrativos antes e depois dela (para encontrar os amigos, beber, jogar ou dar-se aos divertimentos). Acabavam dando um mau exemplo. Segundo ele, essas desordens, mais que nas igrejas da Itália, se encontram nas colônias da América pelo estado anormal que se encontram os colonos e por outras circunstâncias. Ou seja, a questão da falta de sacerdotes era um dos motivos. Ao contrário do que acontecia na Itália, na qual um sacerdote atendia pequenas paróquias rurais de 200 a 300 famílias, aqui no Brasil tinham que percorrer várias colônias que estavam muitas vezes dezenas de quilômetros distantes umas das outras.<sup>23</sup> Essa indicação mostra também que os imigrantes italianos não eram dóceis, obedientes, submissos ou católicos perfeitos. Muito pelo contrário, a desobediência existia. Estes não podem ser vistos como meros expectadores submissos às normatizações aplicadas

---

<sup>21</sup> M. FOUCAULT. *A ordem do discurso*. pp.42-43.

<sup>22</sup> P. COLBACHINI. *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p.23.

<sup>23</sup> O. BEOZZO. *As Igrejas e a Imigração*, p.49.

pela Igreja, mas como sujeitos que se apropriavam dos espaços, invertiam objetos e códigos, usando-os a sua maneira.<sup>24</sup>

Dentre o conjunto de orientações do guia, o segundo elemento a ser destacado refere-se às relações familiares. Sobre esse aspecto, Colbachini dedica várias páginas, especialmente no que diz respeito à questão do casamento. Nas colônias italianas do Sul do Brasil predominou a imigração em núcleos familiares, portanto uma das preocupações do clero ultramontano era justamente a perpetuação dos valores tradicionais. A Igreja Católica valeu-se da família para implementar suas propostas de romanização. Assim, a manutenção de determinadas práticas religiosas se iniciava com a formação de um novo lar.

As principais premissas do matrimônio para as comunidades imigrantes, não só italianas, mas também de outros grupos étnicos, visavam a preservação do patrimônio (seja material, seja simbólico), assim como a agregação de força de trabalho. Dessa maneira, a homogeneidade era considerada condição primordial de estabilidade não só do casal, mas da própria comunidade. Nessa direção, por conta da própria preservação dos costumes como língua e religiosidade, o padre orientava como os jovens deveriam escolher seu futuro cônjuge.

Uma das grandes preocupações do clero no combate a modernidade e no estabelecimento de modelos ideais de comportamento era justamente as paixões juvenis, vale dizer a questão do sexo. A Igreja impunha uma visão negativa e pecaminosa do corpo e dos prazeres terrenos. Assim, a culpa, o pecado e o diabo eram incessantemente associados ao sexo.<sup>25</sup> O corpo era tabu. Deveria ser coberto, ocultado, silenciado e mortificado por uma série de códigos e posturas. Sendo assim, investiu algumas páginas para orientar os jovens como deveria ser o namoro.

Defendeu que este deveria ser curto, não deveria anteceder muitos meses ao casamento e que as visitas dos namorados deveriam sempre acontecer na presença dos pais ou pessoas mais velhas. Segundo Colbachini, os namoros deveriam ser limitados no tempo e nos modos. Os pais deveriam ser os guardiões da moral e dos bons costumes, não devendo permitir mais que uma visita por mês e não mais que quatro ou cinco meses antes do casamento. As visitas deveriam ser breves, não poderiam se estender por horas e realizadas sempre de dia e nunca à noite. Os pais ou uma pessoa mais velha deveriam estar sempre presente, os jovens jamais poderiam ser deixados a sós. Toda e qualquer forma de aproximação dos jovens deveria ser recriminada. Assim, deveriam ser evitadas palavras ao ouvido e os sorrisos sedutores, nem mesmo aperto de mãos era permitido.<sup>26</sup> O mais importante era conhecer a índole e o caráter da pessoa, detalhes

---

<sup>24</sup> M. D. PRIORE. História da vida privada, p.273.

<sup>25</sup> I. A. VANNINI. *O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana do Rio Grande do Sul (1906-1970)*, p.155.

<sup>26</sup> P. COLBACHINI. *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, pp.56-58.

como beleza e condições financeiras deveriam ser deixados de lado. O principal era a formação de uma família cristã em que predominassem a fé e o trabalho.

O casamento também não deveria ser adiado por motivo de dote, de casa, de roupas ou de mobília, pois estes não deveriam ser impedimentos para a prosperidade de uma família. Por outro lado, o padre salienta que deveriam ser evitados casamentos entre pessoas de condições sociais diferentes, assim como de idades muito díspares, para evitar futuros problemas conjugais. No que toca à idade, enfatiza que o matrimônio não deveria ser adiado (mais de 30 anos), nem tampouco ser realizado muito precocemente. Nas colônias italianas do Paraná, a idade média ao casar era de cerca de 19 anos para as moças e 21 para os rapazes<sup>27</sup>, o que era considerado a idade ideal para o matrimônio, justamente pelos perigos aos quais os jovens se encontram expostos.<sup>28</sup> O incentivo a nupcialidade precoce também era uma forma de se evitar a exposição dos imigrantes a situações comuns na sociedade luso-brasileira (concubinato, relações consensuais, filhos ilegítimos, entre outros). Por outro lado, era uma forma de canalizar a sexualidade juvenil e evitar os desvios de conduta.

No que se refere ao ideal de cônjuge, o padre destaca como as moças e os rapazes deveriam procurar seu futuro (a) esposo (a). É interessante notar como ele enfatiza a questão da presença da família (dos pais) e também do padre na hora da escolha. Em um contexto em que a maioria dos casamentos era arranjada, essa situação remete às preocupações que uma escolha realizada por amor poderia acarretar à comunidade. Nas sociedades agrárias, era comum o coletivo se sobrepôr à vontade individual. Portanto, a ideologia moderna, que tem o indivíduo como valor e a liberdade como atributo,<sup>29</sup> não tinha espaço nos primeiros tempos da colonização. O amor romântico se opunha ao esforço da família e da Igreja em construir o casamento de acordo com os seus interesses e da comunidade, assim como representava um perigo ao romper com barreiras fundamentais como a religião ou a origem étnica.<sup>30</sup> Portanto, havia uma grande preocupação com casamentos mistos ou de cônjuges vindos de fora da colônia, o que poderia afetar o tipo de moral que se queria implementar ou a própria estabilidade da futura família.

Para o rapaz, indica que este deveria consultar primeiro os pais e também o sacerdote para conhecer as qualidades morais da jovem pretendida. A escolha da

---

<sup>27</sup> A idade ao casar na América foi antecipada em função da emigração. Enquanto na Itália o casamento era adiado e muitos permaneciam celibatários principalmente pela dificuldade do acesso à terra, aqui a situação foi invertida justamente pela disponibilidade de terra. Ver: F. A. SCARPIM, *Bens simbólicas em laços de pertencimento*.

<sup>28</sup> P. COLBACHINI. *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p. 61.

<sup>29</sup> L. DUMONT. *Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*, p.57.

<sup>30</sup> E. F. WOORTMANN. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos no sul e sitiante no nordeste*, pp.157-159.

namorada deveria ser feita entre as meninas mais devotas, mais modestas, menos amantes dos divertimentos, das mais caseiras, mais modestas nas palavras, nos atos, nos passos e na forma de se vestir. Não deveria deixar-se tentar por aquelas que se enfeitam com artifícios, que calculam o mover-se, o andar, que muito falam e que vivem aos risos e brincadeiras, que frequentam os bailes e os lugares públicos, que leem, são volúveis, indisciplinadas na Igreja, atrevidas no olhar e ambiciosas e indóceis com os parentes.<sup>31</sup> A beleza era uma questão que deveria ser deixada de lado, pois, segundo ele, o mais importante eram as virtudes da alma e não do corpo. A Igreja Católica se esforçava em manter o corpo feminino sob controle.

Para as moças, o medo em relação as tentações do pecado é reiterado ainda mais, uma vez que, para a Igreja, a mulher era considerada mais frágil e mais fácil de se deixar iludir pelas tentações do demônio. Segundo a historiografia, nas comunidades coloniais italianas foi sobretudo sobre o corpo da mulher que o controle era mais forte, visto ser considerado lócus do pecado.<sup>32</sup> Sendo a guardiã da moral e dos bons costumes, a honra de uma família recaía sobre o comportamento sexual das mulheres. Aconselhava que, sem a aprovação dos pais e os prudentes conselhos de um confessor espiritual, a moça não se deveria corresponder a nenhum convite.<sup>33</sup> Somente depois de serem buscadas muitas informações a respeito do rapaz pretendido é que a moça poderia começar a corresponder, fazendo isso sempre com muita reserva.

A jovem deveria excluir de sua lista de pretendentes todos os moços vagabundos, blasfemadores, viciados que frequentam as vendas, que são dados aos jogos e todos aqueles que não convivem bem com seus familiares (pais e irmãos).<sup>34</sup> A origem familiar era um ponto de máxima importância na escolha do marido. Colbachini destaca que muitos jovens que deixavam suas famílias para trabalhar fora se perdiam em vícios. Não são poucos os jovens que, devido às más companhias e à facilidade de ganhar dinheiro, se mostravam indóceis com seus pais e familiares. Sendo assim, para uma mulher seria preferível ficar sem marido a ter um marido desvirtuado. A escolha do rapaz deveria ser feita entre aqueles mais virtuosos que frequentavam a igreja, trabalhadores, caseiros, que estão sempre junto aos pais, que vivem em harmonia com os irmãos e vizinhos, enfim, que mostram temor a Deus e desejam contrair o casamento para formar uma família cristã. No caso das colônias italianas do Paraná, muitos jovens iam trabalhar na construção da Estrada de Ferro (Curitiba-Paranaguá) ou em outras obras públicas pelo interior do Estado, especialmente na construção de estradas. Esses jovens eram vistos

---

<sup>31</sup> P. COLBACHINI. *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p.62.

<sup>32</sup> I. A. VANNINI. *O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana do Rio Grande do Sul (1906-1970)*, p.149.

<sup>33</sup> P. COLBACHINI. *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p.62.

<sup>34</sup> Ibid.

sob suspeita pelo sacerdote, pois, segundo ele, traziam suas mentes contaminadas pelos vícios e pelos pecados mundanos.

A virgindade era outro objeto de temor da Igreja. Nas orientações para a escolha do futuro marido, a moça tinha a obrigação de rejeitar aqueles que não a respeitassem. Por isso, dever-se-ia entreter com o rapaz o menos possível e sempre na presença da mãe ou de uma pessoa adulta responsável. O Jovem que não respeita a virgindade de sua namorada não formará a felicidade de uma esposa cristã, afirmava Colbachini.<sup>35</sup>

O terceiro ponto a ser destacado é aquele referente às proibições. Árduo defensor do ultramontanismo, o sacerdote ocupou várias páginas de seu manual para advertir os imigrantes e seus descendentes dos perigos que rondavam as colônias. Não se limitou a apontar e discutir apenas preceitos religiosos, mas também questões que de forma indireta poderiam interferir na vivência do Catolicismo. As vendas, os bailes, o alcoolismo, a blasfêmia, as festas, os divertimentos profanos e os jogos foram incessantemente atacados como inimigos da moral, da família e da preservação dos bons costumes. O ponto de vista moral e a prática religiosa estão intimamente ligados. Portanto, para que fosse observada a integridade das normas da instituição era necessário que qualquer desvio de conduta fosse reprimido e combatido.

A necessidade de reiterar o combate a determinados costumes e práticas dos imigrantes revela como ocorria a recepção das ingerências da Igreja. As bebedeiras, a blasfêmia, as festas e os bailes de que muitos italianos participavam podem ser percebidos como pontos de resistência às normatizações eclesiais, pois o indivíduo acabava fugindo da prática da boa moral e da boa religião. Dentre as práticas consideradas perigosas, das quais os colonos deveriam evitar, destacam-se o alcoolismo, as festas e os bailes, e a blasfêmia.

Sobre o alcoolismo, Pietro destaca que, na América, o abuso do vinho e das bebidas alcoólicas é maior que na Itália, especialmente dentre os homens e aqueles colonos que moram em locais mais afastados.<sup>36</sup> Essa mudança de comportamento pode ser apontada por dois motivos: um menor controle por parte dos clérigos, uma vez que no Brasil a presença do sacerdote era menos intensa se comparada a Itália; e também uma significativa melhoria nas condições de vida. Se a imigração representou uma ascensão econômica de muitos que partiram da Itália, isso significou também maior autonomia, inclusive para o acesso ao vinho e demais bebidas alcoólicas. Aliás, o cultivo da uva era frequente em quase todas as colônias italianas do Sul do Brasil.

A embriaguez é apontada pela historiografia como prática comum tanto a homens como mulheres. O que diferenciava a embriaguez feminina da masculina era o local, ou seja, enquanto os homens bebiam nas festas, nas praças e nas bodegas, as

---

<sup>35</sup> Ibid.

<sup>36</sup> P. COLBACHINI. *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p. 53.

mulheres se restringiam ao ambiente doméstico.<sup>37</sup> As bebedeiras podiam representar momentos de fuga, especialmente das regras rígidas e muito fechadas nas quais estavam imersas muitas comunidades coloniais. As críticas em relação a esse vício referem-se ao estímulo a outros elementos combatidos pelo discurso eclesiástico. Um bêbado com seu estado de consciência alterado normalmente recusa o cumprimento do sistema de vigilância institucional. Portanto, as tavernas, as festas e os bailes eram duramente combatidos justamente por proporcionar ocasiões de pecado.

Em relação às tavernas ou bodegas<sup>38</sup>, Colbachini reiterava que um bom cristão deveria evitar frequentá-las e, se houvesse necessidade de recorrer às vendas, deveria permanecer apenas o tempo necessário para providenciar o que precisava, não devendo usá-la como passatempo.<sup>39</sup> Segundo ele, as vendas eram locais de desgraça para a família: onde se faziam dívidas, bebedeiras, traições, dispêndio da economia doméstica, jogos, onde se blasfemava. Por isso, eram locais a serem evitados a todo o custo.

De acordo com minha longa experiência que lhe devem servir de escola estou convencido da necessidade de proibir o acesso, e de fechar as vendas e, não tanto o temor que esta ocasiona, como aparenta de ser, seja perigosa quanto maior a certeza que muitíssimos colonos italianos só por esta ocasião fizeram irreparável naufrágio na fé, se abandonaram aos vícios mais degradantes, perderam o amor ao trabalho, a sobriedade, a família, sofreram de insanidade e tiveram miserável fim.<sup>40</sup>

Em muitas colônias, as *bodegas* ocupavam um lugar de destaque, geralmente próximo à capela. As atividades desses espaços acabavam rivalizando com aquelas do templo religioso. Não eram raros os casos de jovens ou adultos que saíam de casa com o pretexto de ir à missa e acabavam passando mais tempo com os divertimentos. Isso mostra que a moral puritana era uma imposição do clero e não uma *qualidade natural* do colono italiano.<sup>41</sup> O próprio Colbachini advertia sobre aqueles que só entravam na igreja na hora que o padre chegava e que estavam mais interessados nos atrativos do antes e depois da missa. Como podemos dizer que temos o espírito do Senhor se nos

<sup>37</sup> L. F. BENEDUZI, *Imigração italiana e Catolicismo*, p. 94.

<sup>38</sup> As tavernas eram espaços mais comuns na Itália. Nas colônias italianas, os armazéns eram comumente chamados de bodegas ou bodeguitas. Em muitas colônias italianas, era um local de jogos, de bebidas, não deixando de ser o armazém do local. Concentrava a função de abastecimento e diversão na comunidade, com uma presença majoritariamente masculina. L.F.BENEDUZI, *Imigração italiana e Catolicismo*, p.94.

<sup>39</sup> P. COLBACHINI, *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p.51.

<sup>40</sup> P. COLBACHINI, *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p.54.

<sup>41</sup> P. POSSAMAI, *Dall'Italia siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*, p.183.

apresentamos na Igreja com o rosto ardendo com o espírito do vinho?<sup>42</sup> Seus relatos demonstram as dificuldades de implantar padrões de comportamento em um novo espaço geográfico.

As *bodegas* eram duramente atacadas também porque se constituíam em espaços de exageros e embriaguez. A bebida em excesso poderia estar associada a uma outra preocupação do clero: a liberalidade sexual. Esse é um dos motivos que os bailes e festas passaram a ser combatidos. O discurso eclesiástico em relação aos divertimentos vinha carregado de um tom pecaminoso. Os prazeres do corpo estavam sempre associados ao mal, à tentação e ao diabo. Para o referido sacerdote, um bom cristão deveria fugir dos espaços mundanos, sobretudo daqueles que poderiam expor a perigos de contaminar a alma.<sup>43</sup> Chegava a criticar até mesmo seus colegas quando dizia que alguns padres na Itália não eram tão rigorosos em relação aos bailes, pois alegavam que o dançar é inerente a juventude, visto que esta tem a necessidade de se divertir e que muitos fazem sem malícia.<sup>44</sup> Não aceitava essas desculpas, pois via nos bailes um inimigo das virtudes cristãs, da moral e dos bons costumes.

Em tese, o uso do baile sempre foi condenado pela Igreja Ultramontana. Com a finalidade de manter as jovens longe das paixões, dos bailes e dos divertimentos, em muitas paróquias foram instituídas associações como a Pia União das Filhas de Maria, que colocam como regra fundamental abster-se dessas ocasiões sob pena de exclusão.<sup>45</sup>

Apesar da proibição da Igreja, a historiografia mostra que em muitos lugares a prática do baile existia, mesmo em áreas sob forte influência da Romanização. A imposição de uma moral monacal era uma forma de tentar regrar o comportamento do colono italiano, assim como passar a imagem do católico ideal. De fato, não eram os italianos que não gostavam de festas e bailes, mas os padres que queriam que eles não gostassem. Apesar do temor que a figura do sacerdote inspirava e de sua posição mítica naquelas comunidades, a existência de desvios de conduta e até mesmo de colonos que desafiavam a autoridade clerical não foi nada incomum.

As diferentes leituras das normatizações eclesiásticas e até mesmo a fuga delas ou sua inversão não podem ser compreendidas fora de seus embates. Assim, podemos associar aquilo que Michel de Certeau chamou de *estratégias e táticas*. Segundo o autor, as estratégias são o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível a ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os

---

<sup>42</sup> P. COLBACHINI, *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, p.24.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p.72.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p.74.

<sup>45</sup> *Ibid.*

inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.).<sup>46</sup> Nessa direção, a obra do padre Pietro Colbachini pode ser entendida como uma estratégia da Igreja Católica direcionada a um grupo específico (imigrantes italianos) para implementar sua doutrina e transmitir uma determinada visão de mundo por meio de uma linguagem autorizada de uma pessoa (sacerdote) reconhecida como fonte de autoridade.

Por outro lado, as estratégias, por seus antagonismos ou contradições internas, abrem brechas para a ação e movimento daqueles sujeitos que são seu objeto. Para Certeau, a tática é a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. A tática não tem por lugar senão o do outro. E, por isso, deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo e no espaço por ele controlado.<sup>47</sup>

O conceito de táticas e estratégias de Certeau ajuda a compreender, de um lado, a necessidade de controle por parte da Igreja e, de outro, a resistência, o desregramento e os momentos de fuga de algumas imposições eclesiais por parte de alguns colonos. Para o autor “a tática é determinada pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder”<sup>48</sup>. Um não pode existir sem o outro. As premissas utilizadas pelo clero, sintetizadas na obra de Pietro Colbachini e que representam a posição da Igreja Ultramontana para inculcar determinados valores e comportamentos, podem ser entendidas como *estratégias*, e as diferentes ações e reações daqueles sujeitos que burlavam normas, invertiam objetos ou se valiam dos espaços e tempos sagrados para práticas consideradas *profanas* podem ser entendidas como *táticas*.

Se existia uma preocupação constante em guardar e regulamentar comportamentos em determinados espaços (ambientes familiares, domésticos e religiosos) é porque o cumprimento das normas não ocorria conforme o esperado. A organização dos italianos em torno da capela não significava uma obediência inata. Momentos de fuga e de extravasamento de tensões geradas por uma hierarquia que tentava se impor de maneira rigorosa e disciplinadora aconteciam.

## Para finalizar

Ao partirmos do pressuposto de que o discurso do Padre Pietro Colbachini fala em nome de uma Instituição que buscava padronizar ações e comportamentos a partir do

---

<sup>46</sup> M. CERTEAU, *A invenção do cotidiano: Artes de Fazer*, p.100.

<sup>47</sup> Ibid.

<sup>48</sup> Ibid.



controle dos bens de salvação, percebe-se que nem sempre essas determinações eram seguidas. A ideologia religiosa tende sempre a transformar os indivíduos em sujeitos submissos e passivos diante de um ente principal (nesse caso, a Igreja Católica, portadora da verdade e do poder de Deus). Entretanto, os sujeitos comuns receptores dessas ingerências nem sempre se comportam de maneira dócil ou passiva. Como estamos tratando de pessoas de carne e osso que não são perfeitas, mas sim sujeitas a fraquezas, a desobediência e a resistência observa-se que o manto vigilante e normatizador da Igreja nem sempre cobria todos os indivíduos.

### Referências Bibliográficas

- AZZI, Riolando. O Catolicismo de imigração. In. DREHER, Martin N. *Imigrações e História da Igreja no Brasil*. Aparecida: Editora Santuário, 1993.
- BENEDUZI, Luis Fernando. *Imigração italiana e Catolicismo*. Porto Alegre : Edipucrs, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a Teoria da ação*. 9ª Ed. Campinas SP: Papyrus, 1996.
- BEOZZO, Oscar. As Igrejas e a Imigração. In. DREHER, Martin N. *Imigrações e História da Igreja no Brasil*. Aparecida: Editora Santuário, 1993.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: Artes de Fazer*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- COBALHINI, Pietro. *Il Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*. Testo stampato a MILANO, Officine Tip. Lit. A. Bertarelli, 1896.
- DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GARCIA, Afrânio. Tipos de discurso. In: *Revista Soletras*, 3, 5, (2003): 186-187.
- GROSSELLI, Renzo. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos, vênnetos e lombardos nas florestas brasileiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.
- MARCHI, Euclides. De Santas a suspeitas e pecadoras In. *Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER)*: Curitiba, 2001.
- POSSAMAI, Paulo. *Dall'Italia siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: UPF, 2004.

- PRIORE, Mary Del. História da vida privada. In. CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.
- SCARPIM, Fábio Augusto. *Bens simbólicos em laços de pertencimento: família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos e descendentes (Campo Largo 1878/1937)*. Curitiba: UFPR (Mestrado em História), 2010.
- VANNINI, Ismael Antônio. *O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana do Rio Grande do Sul (1906-1970)*. Passo Fundo: UPF, 2003.
- WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos no sul e sitiantes no nordeste*. São Paulo: Edunb, 1995.

Recebido: 15/04/2015

Aprovado: 21/05/2015